ANNO 9.º — Sexta-feira, 10 de Novembro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 447

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redação e Administração, Rua Direita, n.º 54

O ADIAMENTO DAS ELEIÇÕES

Por decreto datado de 2 do corrente, o governo, usando duma das faculdades que, em vista do nosso estado de beligerancia, lhe foram conferidas pelo Parlamento, adiou *sine die* as eleições dos corpos administrativos, marcadas para 5 e 19 deste mez.

Ao mesmo tempo, por outro decreto de egual data, foi convocada para 8 do corrente uma reunião extraordinaria do Congresso e, certamente, entre os assuntos, a submeter á deliberação da representação nacional figura, em primeira linha, a fixação da data em que deverão efectuar-se as eleições administrativas.

Explicando o adiamento das eleições, enviou o governo aos jornaes uma *nota oficiosa*, na qual informa que ele foi decretado em virtude de projectados tumultos, promovidos de combinação com os alemães expulsos de Portugal e relacionados com a acção dos submarinos inimigos nas costas do Algarve, tumultos esses que deveriam rebentar aproveitando-se o ensejo das eleições administrativas.

Sendo assim, só temos que aplaudir o adiamento que o governo acaba de decretar. E, mesmo que assim não fôsse, pensâmos, tambem, que, numa conjuntura como a que Portugal atravessa, nunca se deveriam realizar eleições administrativas.

Estas, tanto ou mais que as de deputados, desencadeiam o espirito de politiquice, os odios partidarios, as rivalidades de facção, que, em grau maior ou menor, existem na alma de quantos andam envolvidos na vida publica, e constituem uma como que convulsão epileptica, que agita todo o país, do Terreiro do Paço aos mais obscuros recantos minhotos ou algarvios.

A febre politica exalta as paixões, soltam-se os odios, esbravejam coleras; mesquinhos despeitos, baixos interesses pessoaes, sórdidos, inconfessaveis moveis, tomando a mascara de emulações partidarias, procuram saciar-se, satisfazer-se. Recorre-se a todos os meios: ameaças, intrigas, calunias, pressões, violencias, perfidias... Umas eleições geraes são uma imensa sementeira de odios, uma fonte de inumeras discordias.

Ora como, na hora solene que Portugal atravessa, o principal artigo do programa do actual gabinete, constituido por representantes, e dos mais ilustres, dos dois maiores partidos politicos da Republica, consiste, precisamente, em estabelecer e manter a maior concordia possivel entre todos os portugueses, em firmar a *União Sagrada* de todas as energias para a defeza eficaz dos mais altos interesses nacionaes, sempre julgámos que, durante o nosso estado de beligerancia, o governo evitaria lançar o país nas convulsões dum periodo eleitoral.

O ministerio, porêm, pensando de fórma diversa, tinha deliberado que as eleições para os corpos administrativos se efectuassem a 5 e 19 do corrente mez.

Os gráves e multiplos inconvenientes desta resolução estavam saindo diariamente a lume—posto que em resumidos relatos, porque o papel está caro—em toda a imprensa do país.

A politiquice desencadeára-se, avassaladora; a *União Sagrada* corria risco iminente de naufragio; em muitas localidades fôra mesmo completamente a pique; e os republicanos das diversas matizes esgadanhavam-se com selvatica furia.

E não era tudo; outro sintoma mais gráve se estava oferecendo aos olhos do observador.

O antigo caciquismo monarquico, ainda quasi todo vivo e de saúde, porque não é no lapso de seis anos que se renova uma geração, estava, em diversos distritos e aproveitando-se da confusão, fazendo desesperados esforços por se reapossar do perdido predominio, deitando novamente a garra ás câmaras municipaes e ás juntas de freguezia, que, vai em sete anos, lhe foram arrancadas das mãos.

Com este fito, entregára-se, em muitas circunscrições eleitoraes, a uma actividade prodigiosa, servindo-se de todas as armas da sua velha tatica e estrategia eleitoreiras, mesmo das mais baixas e repulsivas. Como de costume, de tudo se servia; até, jogando com o que mais respeito lhe deveria merecer, afiançava aos seus broncos partidarios que, se lhe dessem os votos, *não iriam para a guerra!*

E' incrivel, mas é assim mesmo. E como, mesmo perto de Aveiro, os exemplos destas, ou de analogas proezas abundam, facil será aos incredulos certificarem-se.

Esta revivescencia do tôrpe caciquismo realengo, quiçá um dos numeros do programa monarquico-germanofilo denunciado pela nota oficiosa do governo, estava, em diversas localidades, sendo singularmente facilitada pelo indigno procedimento — verdadeiro crime de traição aos seus ideaes — de certos republicanos barriguistas, que, ou por interesse, ou por alucinados odios, ou por ambas as coisas juntas, se tinham tornado, na recente campanha eleitoral, dedicados cooperadores da caciquagem sertaneja, putrido legado da extinta bandalheira brigantina.

Deste modo, *União Sagrada* periclitante, caciquagem monarquica deitando escandalosamente, sob diversas mascaras e disfarces, e até sem mascara, os bracinhos de fóra, conspiração realengo-germanofila em activa elaboração—eis a situação creada pela iminencia da realisação do acto eleitoral.

Nestas circunstancias, o governo, adiando-o, procedeu sensata e previdentemente. Na actual situação do país, no anormalissimo periodo que vamos atravessando, urge, primeiro que tudo e acima de tudo, arredar todas as causas de desunião entre os portuguezes; e, dado o feitio nacional, nada ha que mais atritos provoque, que mais odios inflame, que mais discordias suscite do que umas eleições.

A' hora a que este artigo vier á luz da publicidade, já, provavelmente, o parlamento deve ter-se pronunciado sobre a duração do adiamento do acto eleitoral. Mas, como não estâmos no segredo dos deuses, não podemos prevêr o que terão resolvido o governo e os representantes da nação.

Todavia, o nosso parecer, baseado no que acima expuzemos e, sobretudo, na absoluta necessidade de, na actual situação, se manter a todo o custo, a *União Sagrada*, é que as eleições só se devem efectuar depois que cesse o nosso estado de beligerancia.

Assim teem procedido diversos dos paises que se encontram envolvidos no gigantesco conflito e não vêmos motivo para deixarmos de seguir esse exemplo.

Alem disso, com a mobilisação de dezenas de milhares de reservistas e com a partida, anunciada como proxima, desses cidadãos e da respectiva oficialidade para o teatro ocidental das operações, dar-se-á, necessariamente, um notavel desfalque no corpo eleitoral, que, privando-o dos seus melhores elementos, iria fatalmente reflectir-se, e em prejuizo dos ideaes progressivos, no resultado de qualquer acto dependente do sufragio nacional.

Por tudo isto, é de imprescindivel necessidade, crêmo-lo, o adiamento para depois da terminação da nossa beligerancia, de quaesquer eleições geraes, quer parlamentares, quer administrativas.

A. de E.

Films...

Pobre Republica!

O nosso estimado colega de Valença, *A Plebe*, deu-nos sabado a noticia de que na segunda-feira anterior os evolucionistas e democraticos dos Arcos de Val-de-Vez telegrafaram aos respectivos chefes drs. Antonio José de Almeida e Afonso Costa, declarando abandonarem a politica. Encima-a com o titulo da epigrafe o que nos leva a crêr que o gesto dos republicanos dos Arcos tem alguma coisa que se lhe diga.

Aguardâmos o proximo numero em que se prometem as precisas e devidas considerações.

Folgâmos

O correio entregou-nos esta semana um bilhete onde se lê:

... sr.

Com relação a uma local intitulada—*Um ratão*—e inserta no ultimo numero do *Democrata*, tenho a dizer-lhe que foi verdade um militar, em Tancos, apresentar esse requerimento que, por signal, me esteve nas mãos. Mas tambem não foi menos verdade que esse militar não foi castigado ao contrario do que dizia a mesma local.

De V. etc.,

Um oficial do exercito

Folgâmos com estes informes e certamente o mesmo hade acontecer aos que, não sendo macambusios de natureza, dão o cavaquinho por uma piada de espirito.

Revejam-se

No numero do ultimo sabado que o *Mundo* consagrou á memoria de França Borges, seu fundador, vem um artigo firmado por José Caldas, erudito escritor e uma das figuras mais cotadas da Republica, onde o antigo companheiro do chorado morto diz que conheceu o ardente jornalista *no tempo em que ser republicano em Portugal não era ainda uma industria*.

Bons tempos eram esses. E tão bons que nunca José Caldas, necrologiando, se exprimiu com a dupla magua com que hoje se manifesta ao vêr a obra dum dos maiores demolidores da realeza completamente adulterada.

E' que, supunha ele, como nós, como muitos do partido dos ingenuos, que pela mudança das instituições deixaria de haver cavalheiros que por uma fórma tão aviltante explorassem os imortaes principios, patenteando-se ainda mais comedores do que os velhos tubarões.

Enganou-se. Isso, porêm, sucedeu a muito bôa gente, mas não é motivo ainda para grandes desânimos. Deixar correr...

Grande remedio

O incendio ia ateiado... Numas partes mais do que noutras, mas em todo o caso no país inteiro, desde Valença ao Cabo de Santa Maria, a efervescencia dos politicos vinha manifestando-se de tal ordem e em alguns pontos tão arrogantemente contra as instituições, que quasi nos dava a impressão de que tudo era já deles, isto é, dos monarquicos mascarados de republicanos e sem serem mascarados. Jámais se viu uma coisa assim e em abono da verdade deve dizer-se que o que mais concorreu para que tal se désse foram as asneiras, os dislates, o procedimento indigno de certos democraticos.

Mas tudo se salvou. Com uma penada o govêrno adia as eleições. Grande remedio. Foi como um balde de agua fria que tivesse caído sobre um brazeiro em crepitação. Se andava moiro na costa....

Chuchadeira

Segundo o *Camaleão*, dois dos procuradores que tomariam logar na Junta Geral, se as eleições se fizessem, eram o *Palheirinho* e o *Lulu*, ambos eleitos por Oliveira de Azemeis, onde foram propostos pelo partido democratico.

Escolha acertadissima. Um velho e um cretino! Nunca se viu maior chuchadeira.

JUNTA GERAL.

Foram distribuidos convites a todos os procuradores do distrito para a reunião ordinária marcada para o dia 15 do corrente.

FUNERAL

Deve realizar-se hoje ás 16 horas e meia nesta cidade o do capitão João Pedro Ruela, cujo cadaver veio de Africa a expensas do govêrno com o do valoroso major Pala, que ficará sepultado num dos cemiterios de Lisboa.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Pela imprensa

"O Mundo,,

E' quasi todo alusivo ao aniversario da morte de França Borges, que passou em 4, o numero desse dia do conhecido diário lisbonense, e no qual colaboram muitos dos principaes amigos e admiradores do energico combatente republicano.

O *Democrata* associa-se á homenagem por um dever a que não sabe faltar quando se trata de reconhecer o merecimento de alguem que se destaca pelos seus nobres e alevantados sentimentos.

"A Plebe,,

Tambem o distinto confrade de Valença consagra algumas colunas do seu ultimo numero á memoria do falecido juiz dr. Moraes Cabral, que a 3 de novembro de 1914 morreu cheio de desgostos pela acintosa perseguição contra ele movida pelos adversarios politicos.

Acompanhâmos o digno colega nessa manifestação, lamentando, todavia, que até hoje se não tenham empregado esforços para reabilitar a memoria do pranteado morto que, se defeitos teve, não foram, crêmo-lo bem, do quilate dos que lhe apontavam a corja infame e traiçoeira dos seus mais vis detractores.

O GOLPE

E' certo que se aludia vagamente a um provavel adiamento das eleições administrativas, mas não é menos certo tambem que dia a dia, mais reduzido o tempo para a sua realização, robustecia-se a crença de que tal não passava de boato, adrede espalhado por os alvigareiros de oficio.

Comtudo ele foi tornado um facto bem poucas horas antes de efectuar-se o acto eleitoral que, segundo ontem ficou resolvido pelo Congresso virá a efectuar-se antes de Julho do proximo ano. Justifica o governo a sua deliberação alegando que pretendiam alterar a ordem publica determinados elementos perturbadores, em entendimento com os alemães expulsos do nosso país, residentes em Espanha, o que tudo se relacionava com a intensa acção de submarinos daquela nacionalidade nas costas do nosso litoral.

Não nos diz o governo o que devemos entender por *elementos perturbadores*; se estes serão monarquicos, anarquistas, sindicalistas ou desordeiros propriamente ditos, sem outra qualquer confeção. Do que facilmente nos convencemos é que o governo conhece quaesquer factos absolutamente justificativos da sua extraordinaria deliberação e que pela possivel gravidade que deles sobrevinha vai esclarecendo a atitude a tomar, que o póde conduzir até á suspensão das garantias constitucionaes.

Que esta resolução não se baseia exclusivamente em quaesquer consequencias que possam advir de provaveis triunfos das listas monarquicas, estâmos em absoluto convencidos disso. Haverá por certo mais alguma cousa que, á sombra da vitoria ou da derrota, em ambos os casos, servirá de pretexto para quanto o governo nos veio dizer que é preciso evitar. Mais que aceitaveis taes razões, boqueja-se, todavia, que pezou tambem muito na balança, a situação do partido democratico perante o resultado geral das eleições que lhe não era nada favoravel, esboçando-se uma prespectiva, que, a realisar-se, reduziria assustadoramente a sua preponderancia politica.

Esta razão foi discutida na imprensa da capital, e mórmente em numeros consecutivos do *Democrata* temos vindo dizendo, com relação a este distrito, que ha muito vive no mais completo abandono de disciplina politica e partidaria, entregue á supremacia de incompetentes ou de falsos republicanos; miseraveis, que a dentro da Republica, com o aplauso dos altos dirigentes—temos que confessa-lo—tripudiam na pratica das maniganeias e das imoralidades de toda a casta que foram o seu maior titulo de recomendação quando serviam *convictos* e *esforçados* o regimen deposto.

Mas, talvez peior do que tudo isso—e esse facto podemos afirma-lo sem receio—é o divorcio, o completo alheiamento que se vai notando entre os republicanos historicos de todo o país e a actual marcha politica das novas instituições, pela absoluta contradição com quanto foi prometido, dito e redito, antes da Revolução e que toda a gente esperava se transformasse em insofismavel realidade. E tanto assim era que quasi todos os republicanos estavam no partido que pela boca dos seus chefes e pela dos seus orgãos na imprensa, afirmava concretisar, representar o

programa do antigo partido republicano: o democratismo.

* * *

O adiamento do acto eleitoral anulou por muita parte entendimentos estabelecidos e combinações ultimadas. Entre nós, segundo nos consta de boa fonte, o sr. dr. Lourenço Peixinho considera-se desligado do seu compromisso, por todas as razões e mais uma, sendo esta a que provêm das contingencias em que ficaria, entrando para a Câmara Municipal depois da data legal e muito especialmente com a situação financeira do municipio comprometida com os encargos de um emprestimo de 18 contos, que reduziriam á mais completa impotencia todos os esforços e tentativas, as mais simples e economicas, que podesse querer realisar durante a sua administração, assim tornada nula e absolutamente improductiva.

Acresce ainda que a resolução do actual municipio em elevar a central o Liceu desta cidade, mais dificultará e agravará as finanças camararias, pois serão elas oneradas com uma nova despeza de tres contos anuaes, que, segundo opinião do referido dr. Lourenço Peixinho, não terá nem trará compensação no acrescimo que advenha na população estudiosa que possa chamar.

Esse avultado dispendio junto com os encargos do novo emprestimo, colocará não só em gravissimas dificuldades a administração camararia como ainda a impedirá de qualquer obra de folego ou iniciativa ainda que simples.

Será possivel, comtudo, que possam surgir razões bastante convincentes para modificar a sua atitude, achando-se uma plataforma aceitavel para agora e nomeadamente para o futuro, de fórma a poder conseguir-se que a entrada do sr. dr. Lourenço Peixinho para a presidencia do municipio seja um facto consumado? Por bastantes razões o desejariamos tanto mais que só assim, no dizer do *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, em traços brilhantes e delicados, *o tempo nos mostrará se sua ex.ª é o incançavel trabalhador pelo bem da sua terra* **se o vulgar politico na acção baixa do termo!!!**

Temos de aguardar os factos, que não obdecerão por certo a erradas suposições de qualquer imbecil ou ao grosseiro descernimento de qualquer galego.

E se o remedio é esperar, esperemos, pois.

AFONSO TAVEIRA

Fulminado por uma sincope cardiaca, faleceu ontem no Porto quando nos *fauteuils* do Teatro Sá da Bandeira assistia ao ensaio geral da revista *O Dia de Juizo*, que á noite devia subir á scena, o estimado actor e emprezario Afonso Taveira, muito conhecido no país, nas colonias e no Brazil onde a sua compleição artistica era assaz apreciada.

Taveira foi morrer no teatro onde passára a maior parte da sua vida. Tendo nele conquistado os maiores triunfos, distinguia-se pelo seu enorme talento, o mesmo acontecendo a um dos seus companheiros, o actor Dias, apreciabilissimo comico, tambem ali morto em pleno espectaculo, ha já alguns anos.

A consternação tanto na capital do norte como em Lisboa é profunda, dedicando a imprensa diária ao lutuoso acontecimento algumas colunas.

TEMPORAES

Começaram cêdo este ano e de tal modo se teem feito sentir, que já ha bastantes dânos a registar quer em terra quer no mar.

Nas localidades mais proximas da serra foram eles precedidos de medonha trovoada e fortes bátegas de agua, que por completo alagaram os campos baixos, fazendo trasbordar alguns rios.

Os trabalhos de pesca conservam-se paralisados.

Será verdade?

Pessoa de credito informa-nos que em Espinho, quando é preso algum individuo, acusado, com ou sem razão, de qualquer gatunice, é alta noite levado para junto da fonte do Mocho, e aí, por um oficial da administração e outros individuos convidados para esse fim, impiedosa e barbaramente zurzido á chicotada, dando-lhe a seguir a liberdade.

E' esta a fórma de processo empregado para culpas daquela natureza, dizem-nos.

Alguns desses desgraçados ficam em tal estado, que jazem por terra impossibilitados pelo sofrimento de poderem andar!

O tal verdugo da administração tem sido alvo de várias agressões como desforra dos que são vitimas desta selvageria inconcebivel, tendo saído de taes colisões várias vezes ferido.

Será verdade? A nós garantiram-nos e por isso o referimos, perguntando, porêm, se a ser certo tamanha infamia, afronta vergonhosa e revoltante ao mais rudimentar principio de justiça e da lei, o respectivo administrador do concelho póde consentir tão repugnante crime, para assistir ao qual, informam-nos ainda, se convidam, sem nenhum reparo, diversas pessoas?

Não póde ser; não acreditâmos que a autoridade tolére e consinta tão infamantes processos de castigar criminosos.

Se na verdade taes factos se cometem, fatalmente a autoridade ignora-os e a imprensa tambem.

Repugna-nos á consciencia acreditar o contrario e temos a antecipada certeza que a autoridade averiguará do fundamento do que fica exposto, procedendo como deve.

Temos essa convicção e para nós é já bastante.

O que não póde por principio algum é subsistir tal barbaridade, tamanha infamia, se de facto ela se pratica.

Uma trapalhada

A leitura do penultimo numero do *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro*, trouxe-nos ao conhecimento extraordinarias e peregrinas teorias politicas que, nas combinações para a formação da lista camararia, foram aplicadas por parte das comissões democraticas e ainda por os individuos que o citado orgão apresenta como concretisando em exclusivo nas suas pessoas—soberanas e indiscutiveis—os altos e magnos designios do partido!

Estudada a fórma charadistica que, como sempre, insere os escritos da gazeta, chegámos á conclusão de que onde *diz, diz que não diz* e onde *diz que não diz, diz que diz*. Ora as comissões tem, ora não tem; ora as comissões foram estranhas, ora as comissões resolveram e assim vem uma coluna e pico da sanfona repléta de palavras, que são no fim de contas o absolutamente indispensavel para ocupar as tres paginas do facho intensamente luminoso que benéfica e cuidadosamente todas as quintas feiras enche de confortante luz o espirito publico, desde o palacio opulento dos felizes até á humilde choupana do pobresinho...

Que o digâmos nós.

O snr. dr. Lourenço Peixinho não fez combinação ou acordo com o partido democratico, mas sim com o sr. dr. Marques da Costa que da organisação da lista diz tomar inteira responsabilidade—escreve o *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro.*

Mas nesse caso onde ficaram as atribuições das comissões politicas, que são os corpos representantes do seu partido?

Qual foi a atitude dessas comissões, que conheciam de positivo que alguem usurpava ilegal, violenta e inconstitucionalmente as suas atribuições?

Ao mesmo tempo que essas comissões cruzavam os braços perante o vexatorio atropelo da sua acção,

tratando-se da organisação ou, pelo menos, da indicação de correligionarios seus para serem incluidos na lista do partido que elas representam, resolvia-se no seio delas não poder aceitar mais que seis nomes evolucionistas, quando estes apresentavam nove, contentando-se finalmente com sete, que ainda não foram aceites.

Como se harmonisa, pois, a acção das comissões, que o orgão afirma nada tiveram com os trabalhos preparatorios eleitoraes para a formação da lista do seu partido, quando ao mesmo tempo declara que essas mesmas comissões limitaram numero para a entrada das candidaturas evolucionistas?

E se as comissões nada tiveram com todos esses trabalhos, conservando-se completa e absolutamente alheias a tudo que a tal dissesse respeito, para que se reduziu e aceitou um documento como este: *As comissões politicas do Partido Republicano Português no concelho de Aveiro, declaram que não apresentam lista partidaria ao proximo sufragio e que apoiam, recomendando-a a todos os seus correligionarios, a lista independente da cidade onde, de facto, entram tambem correligionarios seus?!*

Dêste documento, que não queremos agora discutir sob o ponto de vista da monstruosidade moral e politica que representa e traduz, conclue-se que são as proprias comissões que se oferecem para trabalhar e proteger a lista, com a qual se identificam e harmonisam, como se delas dimanasse.

E não póde deixar de ser assim porque do contrario não merecem o nome de democraticos os individuos que na sua totalidade compõem as referidas comissões. Porque ou aceitavam a lista, como sucedeu, e com ela estavam absolutamente identificados como se por eles fôsse organisada ou reconheciam e aceitavam a violação brutal das suas atribuições e implicitamente a nenhuma razão da sua existencia futura, como dirigentes do partido.

Mas, atrapalhando o caso, pretendendo baralhar a verdade inconfundivel das cousas, o *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro* pretende atenuar a tristissima situação em que a *troupe* se colocou, dando-lhe então como termo final, este emoliente ridiculo e inaceitavel:

As comissões, organisações disciplinadas do seu partido, não levantaram atritos á lista apresentada, embora legitimamente tivessem o direito de livremente escolher os seus representantes.

Não colhe, não póde colher semelhante principio. Quando se trata de alguma cousa que determinadas disposições regem, quando ha uma lei que indica e consigna a fórma de proceder nos casos que ela prevê, não podemos senão cumprir cega, decidida, inalteravelmente o que está determinado.

O juiz corresponde sempre em estreita relação ás decisões do juri, em harmonia com a lei. Mas as comissões querendo servir a Deus—que neste caso é a Republica—e querendo servir igualmente o Diabo—que no mesmo caso é Barbosa de Magalhães—emporcalharam-se, sujaram-se, porque abdicaram miseravelmente dos seus direitos, esquecendo com gráve ofensa os seus deveres.

EXAMES DE ADMISSÃO

Lecionações por Maria de Melo e Costa, Norbinda de Melo e Costa e José Teixeira da Costa.

O Castelo da Feira

Carta do sr. dr. Aguiar Cardoso

...*Sr. Redactor de* O Democrata

Só a 2 do corrente eu tive conhecimento—por obsequio dum amigo que me forneceu o *Democrata* de 27 de Outubro—do artigo publicado pelo sr. Humberto Beça sob a epigrafe *O Castélo da Feira*, que não póde passar sem reparos da minha parte, reparos que me cumpre fazer na qualidade de secretário da *Comissão de Vigilancia pela guarda e conservação do Castélo da Feira.*

E' de notar que, logo a seguir, tomei conhecimento dum longo e atencioso oficio endereçado pelo autôr ao sr. Presidente desta Comissão e dirigido a todos os seus membros, juntamente com um exemplar do mesmo numero do *Democrata.*

Esse oficio tem a data de 29 de Outubro mas a verdade é que só deu entrada no correio desta vila a 2 de Novembro.

Era infelizmente assaz tarde para eu responder a tempo desta minha carta ser publicada em o numero imediato áquele em que foi publicado o referido artigo. E se por um lado eu me congratulo por ter assim um pouco de folga para responder nos fugidios momentos de vagar que me deixa o meu penoso trabalho clinico, por outro lado lamento que os leitores do *Democrata* tivéssem de ficar mais uma semana sob a penosa e desgostante impressão de que a *Comissão do Castélo* com a sua *desastrada orientação e completa falta de senso artistico* era muito capaz de transformar este belo monumento, que é uma joia da arquitectura medieval, numa *especie de abegoaria de aldeia a imitar um Castélo.*

Que horror de pezadelo, santo Deus!

Nem já me sofre o animo protelar o alivio desse horrivel pezadelo, tão penoso para os leitores do *Democrata*, para o fim desta exposição, porquanto, ainda que seja meu irrevogavel intento não deixar de pé uma unica das arguições do sr. Humberto Beça, é certo que desde já eu posso calmar o justissimo temor da tal *abegoaria*, com a simples menção do seguinte facto incontestavel:

Desde o começo de 1915 até esta data que a *Comissão do Castélo* não fez obras naquele edificio. Todas as reparações feitas, que o sr. Humberto Beça viu ou não viu, são anteriores áquela data.

Pois bem. Da inspecção feita em meados de 1915 por uma comissão de altos funcionarios do Estado, membros do Conselho Superior de Belas Artes e da Comissão dos Monumentos Nacionaes de Lisboa e Coimbra, e da Direcção das Obras Publicas de Aveiro, comissão essa presidida pelo ilustre arquitecto Ventura Terra, resultou a seguinte Portaria publicada no *Diario do Govêrno* de 23 de Agosto do mesmo ano:

Tendo o Govêrno sido informado pelo Conselho Superior de Belas Artes, que uma Comissão constituida na Vila da Feira tem procedido á conservação do historico Castélo daquela vila, empregando nesse patriotico serviço a maior solicitude e prudencia, com dispendio de quantias importantes, em beneficio daquele monumento nacional, manda o Govêrno da Republica Portuguêsa, pelo Ministério da Instrução Publica que seja dado um publico testemunho de louvor áquela Comissão composta dos cidadãos presidente, secretário, tesoureiro e vogais, pela solicitude e prudencia com que tem procedido na conservação do historico Castélo e pelo valioso auxilio monetario que tem prestado em beneficio daquele importante monumento nacional, confiando que, com o mesmo patriotismo e solicitude, continuarão a cuidar da sua conservação.

Paços do Govêrno da Republica em 20 de Agosto de 1915.

O ministro da Instrução Publica, João Lopes da Silva Martins Junior.

Ficam assim desde já os leitores do *Democrata* aliviados daquele *horrivel pesadelo da abegoaria*, salvo se ha aí quem possa supôr que o parecer do sr. Humberto Beça deva sobrelevar ao das idóneas autoridades sobre esta materia.

Posto isto, desfiemos a acerba critica do sr. Humberto Beça.

E' desnecessario para o caso fazer menção de todas as obras que foram realisadas no Castélo.

As bôas obras, as definitivas, não as viu o autor do artigo, ou antes, não deu por elas. Façamos-lhe essa justiça, quando não, além de critico leviano, sería tambem parcial.

Ora porque sería, permita-se-me a inocente pergunta, que o sr. Humberto Beça deu só pelas obras que reputa ruins, e não deu pelas que são incontestavelmente boas?

Foi isso por duas razões.

A primeira, porque ele nunca tinha visitado o Castélo e portanto descenhecia o estado anterior áquele em que agora se encontra.

A segunda, porque essas boas obras, que nós realisamos, são tão perfeitas, que ao sr. Humberto Beça até pareceriam coévas dos antigos Condes, senão dos primitivos alcaides.

Diga-se todavía desde já: ali não ha ruins obras, muito embora assim parecessem ao sr. Humberto Beça; o que ha, é obras definitivas e obras provisorias. E a falta de meios, e a urgencia, é que obriga a estas ultimas.

Ora se o sr. Humberto Beça tem visitado o Castélo antes de 1909, data da constituição da Comissão local, póde crêr que não conseguia vêr todas as dependencias que viu, a não ser que, além do seu binóculo e da sua detectiva, viésse munido de picarêta, alvião, tesouras de póda e foice roçadoira, artigos estes ainda não consagrados pelo turismo como aqueles outros. Arriscar-se-ia mesmo a certificar-se da exactidão das leis da gravidade, á maneira de Newton.

Mas tambem mais gravidade poria agora na sua critica, e certamente não caíria em escrever assim aquele artigo, no qual tanto se revela turista apaixonado, como critico de notavel... leviandade.

O que mais afectou a rotina do critico, foi um paredão feito da atual e vulgar alvenaria que lá está a sustentar o terrapleno do sul e que não tem, nunca teve, nem podia ter a pretensão de fingir de muralha. Panos de muralha fingida, e até com ameias de alvenaria e cal lisa, lá estão do tempo, com certeza, de D. Fernando, o ultimo conde que gozou a opulenta casa da Feira no ultimo quartel do século XVII, e certamente o sr. Humberto Beça nem deu por eles, porque o tempo os mascarou de autenticos com a sua *patine* veneranda.

Mas em suma: aquele inestético paredão, se não tem a pretensão de fingir de muralha, presta ali tão apreciavel serviço que, sabendo-o, o sr. Humberto Beça vai já num momento absolver-nos desse crime de lesa-arte e porventura até louvar-nos pelo beneficio prestado.

Ha que historiar as causas principaes das derrocadas antigas e o risco das futuras e eminentes.

Toda a interessantissima construção que ali se admira está edificada sobre *gneiss* que é, como se sabe, uma especie de rocha schistosa, mixto de granito e feldspatho (ou lousa, como por aí lhe chamam) formado por camadas ou laminas que se prestam á desagregação pela acção do tempo, e ainda mais pela insinuação das raizes do arvoredo silvestre, heras, silvas, loureiros, figueiras bravas, etc., que, forçando as camadas superficiaes do *gneiss*, as fazem tombar em blocos de maior ou menor volume.

Compreende-se que se uma muralha está construída sobre uma escarpa de *gneiss*, caso vulgar em o nosso Castélo, e se consentir que o arvoredo silvestre se aposse dessa escarpa, seguir-se-á a derrocada desta, e logo após, o desabar da muralha é fatal.

E' seguramente esta a historia do maior numero de derrocadas que aí se teem dado. Não resta a menor duvida, e vê-se lá muito disso em várias fáses.

Assim desabou, não se sabe ha quantos anos, uma parte da muralha ameada do poente e ainda outra parte muito maior da do sul, para não falar noutras.

E falo destas porque a sua falta, além do mais, prejudicava a estabilidade da imponente torre de menagem, que corre um grande risco de desabar pelo lado do cubelo de sudoéste.

A principio supôz-se, e com muito fundamento, que o alarmante estado da torre sería devido ás pessimas condições em que se encontrava o eirádo, cujas lages de granito o raizame de heras seculares desconjuntou e desnivelou, sucedendo que quanta agua caía naquela vasta praça de armas, toda se infiltrava pela espessura da abobada e das paredes que a pouco e pouco se desagregavam. Os proprios condutores das aguas pluviaes que correm aos lados do vasto eirado, esses mesmos não funcionavam, já por obstrução, já pelo desnivelamento das suas peças de granito.

Acudiu a esta alarmante situação, por indicação minha, o nosso prestante conterraneo sr. Fortunato Menéres, que custeou do seu bolso essa importantissima obra de regularisação e vedação do explendido eirado, obra tão bem acabada que o sr. Humberto Beça nem deu por ela, supondo-a certamente executada no tempo do bravo Rui Pereira, o 1.º Conde da Feira.

Infelizmente, veio a verificar-se mais tarde que, apezar dessa perfeita e bem cuidada obra, o cubelo de suduéste continuava lentamente, mas persistentemente a separar-se do resto da construcção.

Foi então que se ponderou aquela causa, já referida acima, do desabamento das muralhas, que deixava o terreno em pessimas condições de estabilidade.

Tratou-se de reconstruir a muralha de poente, com todo o rigor das suas pedras afeiçoadas em cubos, dispostos em fiadas regulares e coroadas dos seus merlões, obra tão perfeitamente executada que tambem passou despercebida ao sr. Humberto Beça.

Fazemos-lhe a justiça de crêr que, se não nos louvou por ela, foi porque a reputaria talvez do tempo do famigerado Sá das Galés, alcaide do Castélo da Feira por mercê de D. João I.

Apezar dessa bela reconstrução persistiram as fendas na torre pois que, fechadas a cimento, apenas para servir de indicador, elas voltavam a abrir, tanto do lado do poente, como do lado do sul.

Ora o terrapleno do sul, bastante estreito, ainda assim, e sobretudo cortado a pique para aquela grande profundidade do *páteo da traição*, desagregava-se constantemente, pela obra te-

naz do destruidor raizame dos loureiros.

Havia necessidade imperiosa de consolidar essa faixa de terreno, a ultima que faltava. Mas o *gneiss* que servira de suporte á antiga muralha desabada, tinha desaparecido no prumo em que a reconstrucção se tinha de fazer; de modo que havia necessidade de ir procurar alicerce muito mais abaixo. Construir uma alta muralha, assim a valer como a anterior, era dispendiosissimo. Não havia dinheiro. Mas com a quinta parte do dispendio, podia consolidar-se o terreno com um paredão vulgar que faria essa inadiavel obrigação, provisoriamente, de garantir a estabilidade da torre, como a muralha de rogôr com as suas fiadas de pedra afeiçoada e os seus merlões.

E garantiu, ao menos temporariamente, pois segundo informam os engenheiros, os indicadores colocados no cubelo afastado, não voltaram a marcar desvio, ha cêrca dum ano.

Nós, só devemos ser censurados—bem o deve vêr o sr. Humberto Beça—pelo facto de não termos mandado cravar nesse paredão a seguinte legenda:

Este paredão é provisorio e tem unicamente em vista consolidar o terreno em que se apoia a torre de menagem cuja estabilidade é mùita precaria.

Pretensões a muralha? Que leuca fantasia!

Mas não vê todo o mundo que esse paredão está razo com o terreno, a significar bem o que se teve em vista?

Se nós sobre ele talhassemos os merlões e rasgassemos as séteiras... então sim, que teriamos de nos confessar tão fantasistas, pelo menos como o sr. Beça.

O muro dos vidros de garrafa!

Pois se é mesmo um muro de quinta! Não ha nisso a menor duvida. Até foi construido pelo sr. Alexandre Brandão, proprietario co finante da chamada Quinta dn Cêrca ou do Castélo.

Havia ali um rombo que devassava o seu predio, e ele tapou-o á moda de vedação de quinta. E ainda outros actos de vedação, mais chocantes do que esse, tinha o sr. Brandão executado.

Foi-lhe por nós pedido para reconsiderar sobre os ultimos, ao que ele anuiu prontamente, com a sua habitual bonhomia.

Pois confesso que estou arrependido de intervir nisso, e já se vai saber porquê.

Se o muro dos vidros de garrafa fere a retina do sr. Beça, tambem fere energicamente a nota de que é absolutamente indispensavel a expropriação, em toda a volta do precioso monumento, duma faixa de terreno seu proprio, faixa de respeito e de homenagem que bem a mereca e dela absolutamente carece.

Esses e outros actos de visinhos (eis a explicação prometida) que teem o direito incontestavel de defender os seus prédios, dos intrusos, clamam bem alto, essa necessidade que o ilustre arquitecto sr. Ventura Terra exarou na *Capital* de 29 de Abril de 1915, qualificando por essa ocasião o Castélo da Feira de *maravilha arquitectonica*.

Era vêr como logo desaparecia o muro dos vidros de garrafa que a todo o tempo se substituiria pelo amuralhado de verdade historica!

Portanto, esse muro e esses vidros são um réclamo a essá coisa.

Quasi não valia a pena falar dos postaes. Mas emfim .. o sr. Beça é tão exigente...

Pois senhor; o autor dos clichés não é nenhum anonimo; é até um profissional distintissimo: o sr. Joaquim de Freitas, meu amigo e conterraneo, antigo empregado tecnico da Casa *Alvão*, depois da Casa *Biel* e actualmente co-proprietario da reputadissima Fotografia União.

Eu, quando rapaz (bons tempos esses) tambem cultivei a fotografia e portanto, apezar do sr. Freitas não carecer de defensor das suas aptidões, tambem estou no direito de afirmar que os tres, aspectos focados são dos mais completos e interessantes que lá se encontram.

As próvas que eu tive ocasião de vêr, tiradas pelo sr. Beça, eram apenas pormenores muito reduzidos, certamente interessantes para arqueologos e profissionaes das Belas Artes, mas que não encantam o comum do publico.

E nós não encomendamos postaes para profissionaes.

Estariamos bem aviados com o producto da venda! Encomendamo-los, para que o comum do publico os comprasse.

Se ao sr. Beça apraz averiguar quaes teem mais venda .. é só pôr os seus em concorrencia com os nossos. E se estes estão mal reproduzidos e peor pintalgados, assim os reproduziu e pintalgou a *douta Alemanha*. Não teem lá o *made in germany*, mas posso garanti-lo.

Não temos culpa dessas imperfeições, que para o grande publico chegam a ser atractivos.

Termino por me congratular em reconhecer no sr. Beça um apaixonado do Castélo da Feira. Sômos pois dois admiradores que com certeza nos havemos de entender, desde que, posta a fantasia de parte, todas as coisas se coloquem nos seus respectivos lugares.

A V., Snr. Redactor, peço mil perdões de lhe roubar tanto espaço, mas não me foi possivel ser mais conciso, e o Castélo tudo merece.

Aceite V. os protestos da minha consideração e estima.

Vila da Feira, 5 de Novembro de 1916.

Aguiar Cardoso

Secretário da Comissão do Castélo

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Notas mundanas

Com sua esposa, uma simpatica aveirense, partiu para Lisboa, onde tem residencia fixa, o sr. Joaquim Albino Nunes.

Chegou de S. Tomé, possessão portuguêsa na Africa Ocidental que habitou por espaço de alguns anos, o nosso conterraneo, sr. Firmino Ferreira Gomes, um dos aveirenses que, pelo seu porte, mais teem honrado lá fóra o nome desta terra.

Vem de saude e por isso o cumprimentâmos, desejando-lhe a continuação das suas felicidades.

Acaba de regressar da Costa Nova o sr. Augusto Guimarães, ultimo dos habituées daquela praia que, com saudades, a deixam.

Adoeceu uma filha do sr. dr. Eduardo Moura, distinto medico partidarista residente em Eixo.

De visita a seus paes estiveram em Alumieira, dando-nos, na passagem, o prazer da sua visita, que muito lhes agradecemos, os acreditados industriaes setubalenses, srs. João dos Santos Barbosa, e Salvador dos Santos Barbosa.

Teve logar o registo civil do casamento da sr.ª D. Maria do Céo Ferreira Monteiro com o sr. Humberto Maria da Silva Luz, tendo sido testemunhas do acto o tio e padrinho da noiva, sr. José Ferreira Pinto de Souza e a sr.ª D. Elvira Ferreira Pinto de Oliveira, tambem prima da noiva.

Ao simpatico par, que inicia pela estrada da vida o grande percurso a fazer durante a longa existencia que lhe desejâmos, fazemos votos por que sempre a encontre juncada de pétalas de rosas e iluminada pelos clarões constantes dum sol de venturosas felicidades, que bem merece.

Regressou de Espinho o sr. Crisanto de Melo.

PARLAMENTO

Como fôra designado, abriu na quarta-feira o Congresso, cujas sessões se prolongarão, dizem, até ámanhã. Na primeira ficou assente que as eleições se efectuem a tempo dos novos corpos administrativos tomarem posse até 1 de Julho.

O chefe do governo depois de ter justificado o adiamento do acto eleitoral, fez uma calorosa saudação ao exercito a proposito das recentes vitórias de Africa, terminando por afirmar que as tropas portuguêsas partirão em brêve para os campos de batalha da Europa onde saberão honrar a Patria ao lado dos aliados.

Não ocorreu incidente algum.

"HORA CRITICA,,

Saíu a segunda edição deste opusculo de Bazilio Teles, acrescentada com notas.

Agradecemos á *Bibliotéca Portuguêsa*, do Porto, a oferta do exemplar enviado ao *Democrata*.

Triste relêvo

O orgão do Partido Republicano Português em Aveiro, com um desvanecimento e ternura—partes iguaes—capazes de internecer as pedras das calçadas, veio-nos dizer que o sr. Barbosa de Magalhães era incluido na lista dos candidatos a vereadores do municipio da capital como uma *figura de relêvo* do mesmo partido!

Relêvo?! Mas quando e onde conquistou esse direito dentro do partido republicano?

E' o mesmo relêvo que trouxe da sua dedicação á monarquia, deixando-a de servir com toda a convicção e lealdade, proclamada que foi a Republica?

Conquistou o direito a essa denominação porque, assentando praça no partido republicano, provou a pureza das suas intenções, obtendo pelos testemunhos do seu desinteresse de patriota e de leal soldado, o conceito e a confiança dos correligionarios?

Amigo fingido dos republicanos, nunca perdeu a ocasião, antes as procurava, para hostilisar, para ferir dura, acintosamente, todos os actos de propaganda, tudo quanto pertencesse á iniciativa deles, como se póde vêr na colecção do seu orgão em Aveiro, repositorio das maiores infamias que nesse abjecto canudo se publicaram contra a democracia e os que a defendiam.

Cabo d'ordens a dentro da monarquia, como cabo d'ordens transitou para a Republica, com o seu séquito familiar, muito anchos, muito satisfeitos, com toda a semcerímonia, como se esta transformação, este acto de renegar um principio e uma profissão de velha fé politica fosse a cousa mais trivial do mundo.

O *Firmininho* — tal tio tal sobrinho — na manhã de 6 de outubro foi o primeiro que andou pavoneando-se por essas ruas, trazendo na lapela do casaco o distintivo encarnado e verde, içando no mastro *real* da casa a bandeira vermelha que apressadamente comprou para substituir a azul e branca.

Aquilo é que foi dar relêvo, não ha duvida!

Será deste relêvo que fala o *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro?* Ou será do relêvo de hoje, aquele relêvo que provêm da situação dos que não querendo aceitar como amigo sincero, o inimigo implacavel de ontem, são dentro do partido republicano considerados como discolos e perturbadores?

Será o relêvo que provêm do facto de, após o estabelecimento da Republica, para ela terem vindo os seus maiores inimigos, afastando os velhos e desinteressadissimos republicanos para se locupletarem á custa dos mesmos processos usados na monarquia e dos que entenderam aceitar, com asinina resignação, a autoridade e a sinceridade desses transfugas que vinham de representar todos os papeis politicos na deposta monarquia?

Será o relêvo que provêm da situação do partido democratico no distrito, exclusiva e unicamente originada na inclusão dessa *figura de relêvo*, que tem levado até onde está e como está o mesmo partido?

Ou será pelo relêvo que deixou nas cadeiras ministeriaes, nos registos do parlamento e nos destinos da Patria, o *grande republicano* quando foi ministro?

A's vezes perdem-se belissimas ocasiões de estar calado, assim como ha coisas que quanto menos se lhe bolem melhor é...

Relêvo?! Relêvo?!!

Esta não lembra ao diabo!

Direcção das Obras Publicas do districto d'Aveiro

2.ª SECÇÃO DE CONSTRUCÇÃO

Estrada de serviço da E. D. n.º 62 para a Costa de Esmoriz

FAZ-SE publico que no dia 20 de Novembro corrente, pelas 12 horas, na secretaría da 2.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas do districto de Aveiro, em Espinho, perante a commissão presidida pelo conductor, chefe de secção, se recebem propostas em carta fechada para execução d'uma tarefa de terraplanagens, obra d'arte e pavimento completo, entre perfis 49 e 51, na extensão de 120 metros.

Base de licitação............ 495$00
Deposito provisorio......... 12$38

Os desenhos, medições e condições especiaes da arrematação, acham-se patentes na secretaría da Direcção em Aveiro, e na da 2.ª secção de construcção, em Espinho, todos os dias uteis, desde as 10 ás 16 horas.

As guias para efectuar o deposito provisorio são passadas na secretaría da referida secção, em Espinho, até ás 15 horas do dia util anterior ao da arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 p. c. do preço da adjudicação.

Espinho e secretaría da 2.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas de Aveiro, 6 de Novembro de 1916.

O conductor, chefe de secção,

Evaristo de Moraes Ferreira

Inauguração dum busto

Para a festa que terá logar ámanhã na nossa redacção é já grande a quantidade de adesões recebidas pela comissão a cargo de quem estão todos os trabalhos respeitantes á homenagem a prestar ao *jornalista que levanta o nivel*... em dia de S. Martinho.

A espaçosa sala onde o busto será colocado, está lindamente engalanada. De mistura com lindissimos exemplares de crisantemos, rosas brancas, fétos, avencas e outros arbustos, veem-se bandeiras de várias nacionalidades, molduras com retratos de homens celebres nas sciencias, artes e letras. A' direita da meza presidencial, um rico movel de pau preto com encrustações de prata e madre perola. O busto a inaugurar, envolto na bandeira do antigo regimen, de quem o *Bébes* sempre foi devotado partidario e a quem a assembleia decerto respeitará as suas crenças. Ao lado esquerdo da meza estão dispostas as estantes para a orquestra, que executará escolhidos trechos dos grandes mestres, estando a receber a ultima demão a montagem para a iluminação a lampadas electricas, coloridas, que deverá produzir um surpreendente efeito.

A comissão está empregando extraordinarios esforços para que compareça a receber a sua devida consagração, o *insigne jornalista*, cuja modestia é um dos seus melhores adornos, depois da barba e do cabelo...

E' possivel que esta noute, embandeirada e iluminada electricamente a fachada dos nossos escritórios e oficinas, como prova de adesão ao acto de justiça que se vai praticar, toque em frente do *Democrata*, das 21 ás 23 horas e meia, a Banda dos Bombeiros Voluntarios ou a de José Estevam, se não poder a tempo chegar a de Agueda, para onde telegrafou a comissão, pedindo até a interferencia do ilustre medico em serviço na junta das reinspecções, a fim de não faltar.

No proximo numero daremos uma noticia tão aproximada quanto possivel da grandiosa festa, que decerto vai ficar registada a letras de ouro nas paginas da nossa historia contemporanea.

LIVRE DE PERIGO

Posto que ainda em tratamento no hospital deixou de ser considerado de gravidade o estado do menor Jaime Ferreira do Vale, que ali deu entrada após o trambulhão que apanhou da torre do S. Gonçalo, no dia 1 do corrente.

Feliz, como poucos.

Cruz Vermelha

No quartel de cavalaria 8 ha, ás quartas e sextas-feiras, pelas 21 horas, instrução de enfermeiros e maqueiros. Serão punidos os socios que faltarem sem motivo justificado.

Para o numero destes foi proposto o sr. Manuel Alves, encadernador, natural do Porto.

VISITA

Esteve nesta cidade e comnosco passou algumas horas de fraternal convivio, o velho republicano de Agueda, José Alves de Oliveira.

Arquivando

O nosso presado colega *Jornal de Angola*, que a mala desta semana, vinda de Africa, nos fez chegar ás mãos, comentando o que ácerca da saída do sr. dr. Antonio Vi-

deira da sua direcção aqui dissémos, escreve:

Antonio Videira, apezar de descrente e desiludido, afastado da luta contínua e esgotante nesta *falencia moral para que o pais caminha*, não renunciará á luta, não abandonará o seu lugar de soldado combatente, onde e sempre que seja preciso fazer ouvir a sua palavra austéra, a sua voz de lutador antigo, o seu exemplo admiravel.

No mais acêzo da batalha ele lá estará sempre com a sua alma afectiva, o seu ardor, a sua energia e a sua ardente fé republicana a insuflar no animo dos seus companheiros de luta o santo amor pelos heroismos e sacrificios para que o seu ideal—o ideal de todos nós—resurja limpido e imaculado, para a perfeita felicidade desta nossa Patria *que agoniza numa crise fatal de patriotismo e consciencia...*

Quando fôr preciso *cerrar fileiras*, ele acorrerá á primeira chamada com toda a sua dedicação, com toda a sua crença e o alevantado carinho que a sua alma de republicano sincéro deposita no sagrado ideal de um Portugal republicano.

Ele não verá os *burrinhos de palanque...*

Estimâmos que assim aconteça porque republicanos da tempera do dr. Antonio Videira, visto não se encontrarem muitos, precisam estar sempre a postos para a grande obra de saneamento e depuração que tende a iniciar-se apenas se ofereça o primeiro ensejo.

Só assim, correndo com os falhos de caracter e escrupulos, com os imoralões, os corruptos e os desvergonhados, o regimen poderá manter-se, fumentando o progresso do país.

Nunca é de mais repeti-lo.

Exames de admissão ás Escolas Normais

Antonio Rodrigues Pepino e Alberto Casimiro da Silva, professores na escola central de Aveiro e alunos do curso de habilitação ao magistério primário superior, abriram em Aveiro o seu curso de admissão ás Escolas Normais.

R. de S. Roque, 15-1.º.

Mobilia

VENDE-SE uma de sala, em mogno e uma cama antiga de páu preto.

Nesta redacção se diz.

Lancha

Vende-se uma, a gazolína, de 20 H. P. com lotação para 40 pessoas. Anda 10 a 12 milhas.

Para tratar nesta cidade com Manuel Ribeiro da Silva, rua do Carmo, 17.

Santuario

VENDE-SE um santuario, estilo manuelino, verdadeira obra de arte, que se acha exposto no Museu Regional de Aveiro, onde póde ser visto.

Trata-se com Sisnando Maia—GUARDA.

ANEL

Perdeu-se, de aço, forrado a ouro, com um brazão gravado.

Estrada da Barra, 5.

Direcção das Obras Publicas

DO

DISTRICTO DE AVEIRO

2.ª SECÇÃO DE CONSTRUCÇÃO

Estrada de serviço da E. D. n.º 62 para a Costa de Esmoriz

FAZ-SE publico que no dia 20 de Novembro corrente, pelas 13 horas, na secretaría da 2.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas do Distrito de Aveiro, em Espinho, perante a commissão presidida pelo conductor, chefe de secção, se recebem propostas em carta fechada para a execução de uma tarefa de terraplanagens, pavimento completo e obras accessorias, entre perfis 51 e 54, na extensão de 180 metros.

Base de licitação.	157$00
Deposito provisorio.	11$43

Os desenhos, medições e condições especiaes da arrematação, acham-se patentes na secretaría da Direcção, em Aveiro, e na da 2.ª secção de construcção, em Espinho, todos os dias uteis, desde as 10 ás 16 horas.

As guias para efectuar o deposito provisorio são passadas na secretaría da referida secção, em Espinho, até ás 15 horas do dia util anterior ao da arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 p. c. do preço da adjudicação.

Espinho e secretaría da 2.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas de Aveiro, 6 de Novembro de 1916.

O conductor, chefe de secção,

Evaristo de Moraes Ferreira

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Em virtude da execução hipotecaria requerida neste Juizo pelo exequente Joaquim Sisnando Maia, tambem conhecido por Sisnando Maia, casado, empregado público, de Aveiro, mas actualmente rezidente na Guarda, contra o executado João Marques da Graça Valente, solteiro, maior, lavrador, morador em Azurva, freguezia de Esgueira, se ha-de proceder no dia 19 de Novembro corrente, pelas onze horas, no Tribunal Judicial desta comarca, á arrematação em hasta publica, afim de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes predios, pertencentes e penhorados ao executado:

Um predio que se compõe de um assento de casas terreas com seu aido e mais pertenças, sito no logar de Azurva, freguezia de Esgueira, avaliado na quantia de 330$00;

Um predio que se compõe de uma terra lavradia e vinha, sito no Chão do Alecrim, limite de Azurva, freguezia de Esgueira, avaliado na quantia de 60$00;

Um predio que se compõe de uma terra lavradia, sito no Chão do Moinho, limite de Azurva, freguezia de Esgueira, avaliado na quantia de 100$00.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 1 de Novembro de 1916.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio

Julio Homem de Carvalho Cristo.

Concurso

O administrador do concelho de Ilhavo, fáz público que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias contados da publicação deste no *Diario do Govêrno*, para o provimento do lugar de amanuense da Administração do mesmo concelho, com o vencimento anual de 240$00 escúdos e a lotação de 25$00 escudos anuaes.

Os concorrentes deverão apresentar os seus requerimentos na Secretaría da Administração do concelho dentro daquele praso instruídos nos termos da lei.

Administração do concelho de Ilhavo, 31 de Outubro de 1916.

O Administrador

José Candido Celestino Pereira Gomes

Creada

Oferece-se para servir em Lisboa.

Carta a esta redacção com as iniciaes R. P.